Quando Caxias Foi Esquecido e o Conde D'Eu Comemorado: As comemorações em torno da Guerra do Paraguai – 1870.

Marcelo Santos Rodrigues

A principal comemoração militar realizada no Brasil, depois da guerra contra o Paraguai, era a da vitória brasileira alcançada na Batalha de 24 de maio de 1866, travada em território paraguaio. Conhecida como Batalha do Tuiuti, sua rememoração ligava-se ao fato de ter sido a mais sangrenta ocorrida na América do Sul.

O general Manuel Luís Osório (1808–1879), tornou-se o principal herói comemorado no Brasil. A sua bravura "beirou a irresponsabilidade, arriscando a vida em diferentes ocasiões, ao lutar corpo a corpo ou expor-se à vista do inimigo [...] A tropa o seguia mais pelo arrebatamento e por suas qualidades pessoais do que pela obediência."[1]

Todavia, os feitos do general Osório na Guerra do Paraguai, não foram suficientes para elevá-lo à condição de herói oficial do Império, embora o general fosse comemorado popularmente nos festejos da Batalha de Tuiuti e em outras comemorações referentes à guerra.

A discussão sobre os heróis a serem guardados na memória da guerra ainda era questão secundária. O debate político, nos anos finais do conflito, girava em torno de quem era o comandante vencedor que desferiu o golpe final contra o Paraguai. Assim, a disputa restringiu-se aos principais comandantes: Caxias e Conde D'Eu.

Dessa maneira, a primeira memória da guerra, construída nos anos imediatos ao final da campanha, foi resultado dos debates e disputas políticas ocorridas no Brasil. O partido liberal e o conservador exaltavam seus respectivos comandantes como heróis nacionais.

A Imprensa, deputados e senadores, intelectuais e artistas, defendiam a importância de glorificar os heróis generais e, assim, criar a tradição a ser comemorada

[1] DORATIOTO, Francisco. *General Osório*: *A espada liberal do Império.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 95.

pelas gerações vindouras.[2] Partidários de Caxias e do conde D'Eu atacavam-se mutuamente através dos jornais e do parlamento, em defesa do herói que o Império devia guardar.

Luís Alves de Lima e Silva (1803 – 1880), era um general veterano de guerra e de revoluções, com uma extensa carreira militar – contava com cinqüenta anos de serviços prestados à monarquia brasileira, no final da guerra do Paraguai. Em 1866, foi nomeado comandante das tropas brasileiras no Paraguai, participando de importantes batalhas. Permaneceu à frente das forças Aliadas por três anos.

Em 1869, antes de finda a guerra retornou para o Rio de Janeiro. Na capital do Império foi agraciado com o título de duque, pelos serviços prestados nos campos de batalha no Paraguai. No ano seguinte foi eleito senador do Império pelo Partido Conservador.

Na disputa pela memória da guerra, em oposição ao duque, encontrava-se o príncipe francês, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans (1842–1922), Conde D'Eu, consórcio da princesa Isabel, filha dileta de D. Pedro II.

Gastão de Orléans, com 27 anos, foi nomeado comandante das forças Aliadas contra o Paraguai, em substituição a Caxias. Comandou, por menos de um ano, o exército brasileiro, até o fim da guerra, em 1º de março de 1870, com a morte de Solano López. E, por isso, era o natural comandante vencedor da guerra. Todavia essa memória foi desputada nos anos posteriores ao conflito, quando a monarquia brasileira dava seus sinais de declínio.

Sobre os partidários de Caxias e Conde D'Eu, *O Correio Paulistano* descreveu os interesses políticos que moviam os dois grupos. Na opinião de seus articulistas, havia uma clara tendência favorável ao genro do imperador, em detrimento de Caxias, que havia se retirado da guerra antes de sua conclusão.

Isso ficou perceptível, por ocasião dos festejos realizados no regresso do príncipe consorte à corte. "Desde que chegaram tropas da campanha fervem as mais

[2] A ideia de criar uma tradição é movida parcialmente pela noção de "invenções das tradições", consagrada por Eric Hobsbawm, em seu livro de mesmo título organizado por Hobsbawm e Terence Ranger e publicado pela Paz e Terra, em 1984. Todavia, não se pretende analisar os fatos na perspectiva de uma tradição inventada distante do tempo dos acontecimentos, e sim baseada na discussão ocorrida ainda no fervor dos fatos referentes à Guerra do Paraguai.

vivas demonstrações pelo genro do imperador e futuro proprietário da nação".[3] Os partidários do Conde vitoriavam o general do exército por ter concluído a guerra, e viam o futuro soberano do Brasil. "Os condistas, pois, sob mil pretextos e fórmulas diversas, fintando e extorquindo, exibem festejos e galas estrondosas para ao recebimento do jovem rei".[4]

ENTRE CAXIAS E CONDE D'EU

Por ocasião da condecoração do marechal Caxias, em 23 de agosto de 1869, *O Correio Paulistano* descreveu a solenidade: "O imperador, transportado de júbilo, corre para ele [o duque] e abraça-o três vezes, vivamente, levantando-o do chão".[5] Dizia o articulista do jornal que não eram aqueles abraços ao general Caxias *ex-ofícios* que D. Pedro II fingia dar durante os desembarques das tropas, afastando-se pesadamente dos comandantes, "vítima do amplexo e do insípido discurso. Foram três abraços fortíssimos, populares, alheios à pragmática; mas, todavia, simbólicos!".[6]

Tão logo circulou na corte a notícia, uma comissão de militares foi cumprimentar o invicto general. Enquanto isso retratos de Caxias foram ressurgindo nas vidraças da Rua do Ouvidor. Em algumas ruas eram vistos arcos triunfais levantados em homenagem ao velho general. E os "mais denodados duquistas começaram a levantar vivas ao seu chefe!."[7]

O abraço do monarca no duque aparentemente denotava uma reconciliação com o general, sobretudo, ao receber do monarca o maior título nobiliárquico existente no Brasil, no momento em que a guerra estava findando. Mas, os abraços significaram também a ascensão de Caxias ao Ministério da Guerra. Parecia-se buscar o equilíbrio entre Caxias e Conde D'Eu: "duas conchas da mesma balança, cujo fiel está nas mãos do imperador".[8]

---

[3] BN/RJ. Jornal *O Correio Paulistano*, São Paulo, 26 maio 1870.

[4] Idem, ibidem.

[5] Idem, ibidem.

[6] Idem, ibidem.

[7] Idem, ibidem.

[8] Idem, ibidem.

O *Diário do Rio de Janeiro*, órgão do Partido Conservador, rememorou os feitos de Caxias na guerra. Dentre as batalhas que ilustraram o comando do general Caxias, Pirabeby foi uma das últimas e não menos gloriosa, ao lado dos subchefes Menna Barreto, Câmara, Pedra e outros. "A glória ali conquistada com o sangue derramado em comum é nacional, e maldito seja aquele que se lembrar de obscurecê-la por espírito de partido".[9] Nessa passagem, exaltado, o *Diário do Rio de Janeiro* maldisse aqueles que usavam a Guerra do Paraguai para obscurecer ações de seus generais em nome de disputas partidárias.

A frase que resume o sentimento do *Diário do Rio de Janeiro* como expressão do equilíbrio pretendido pela Monarquia foi: "Nesta guerra há glória para todos".[10] Duque de Caxias, que não a podia "invejar, foi sempre o primeiro a preconizá-la. Ele não fez tudo; mas seus antecessores e sucessores não fizeram o que ele fez".[11]

Um artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado "A Guerra do Paraguai", assinado pelo francês Xavier Raymoud, acendeu uma polêmica: a qual general devia-se a glória pelo término da guerra: Caxias ou Conde D'Eu? A *Revista dos Dois Mundos* era partidária do Conde D'Eu, talvez por afinidades com Gastão de Orléans, ou ainda por enxergar, com maus olhos, a atitude do general que abandonou a guerra.

Em resposta a revista estrangeira, o senador Firmino Rodrigues da Silva redigiu um artigo publicado pelo *Jornal do Comércio*, contestando a *Revista dos Dois Mundos* e expondo as razões que levaram o "velho general" declarar a guerra por encerrada, em 24 de janeiro de 1869, após a tomada da capital do Paraguai. Talvez destruído e dissipado o exército inimigo, e aniquilado grande parte de seu arsenal, Caxias estivesse convencido de que a guerra estava acabada.[12]

Firmino afirmou possuir documentos irrefragáveis, abonadores do procedimento "irrepreensível" do general. Esses documentos foram expostos no seu artigo com a finalidade de esclarecer os motivos da retirada de Caxias de Assunção.

Na Ordem do Dia de 24 de janeiro de 1869, assim havia anunciado o general sobre o término da guerra:

---

[9] BN/RJ. Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1870.

[10] Idem, ibidem.

[11] BN/RJ. Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1870.

[12] Transcrito pelo *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1870.

> Os importantíssimos acontecimentos e vitórias, as mais completas por nós alcançadas durante os memoráveis 25 de dezembro próximo passado, puseram termo, em minha opinião, à guerra do Paraguai, nas condições críticas em que nossas manobras e a intrepidez de nossos soldados o colocaram, restar-lhe-ia a pequena guerra de recursos, se a república do Paraguai não estivesse, como está, completamente exausta deles.[13]

Depois da ocupação de Assunção pelas forças aliadas, o presidente Solano Lopez foi visto fugindo "pela picada de um potreiro com tão diminuta comitiva. Em presença de tais fatos ninguém teve e nem podia ter outra opinião", concluiu o autor do artigo do *Jornal do Comércio*.

Todavia, outra razão se estabelecia como premissa para a retirada de Caxias do Paraguai. Em Assunção, dizia-se que Caxias andava doente e que, em certa ocasião, foi acometido de uma síncope que o obrigou a retirar-se do templo, quando assistia a uma missa na catedral junto com seu Estado-Maior. Por recomendação médica, Caxias seguiu para a cidade de Montevidéu, para aguardar a licença do governo imperial para regressar ao Brasil.[14]

Finalmente o *Diário Oficial* publicou a mensagem de Caxias aos seus camaradas, expondo a razão pela qual retirava-se da campanha**:**

> Achando-me gravemente enfermo e tendo obtido do governo imperial licença para tratar de minha saúde no Brasil, é com o coração oprimido pela dor que sinto ao separar-me do exército, a quem me coube a honra de comandar, que dirijo-me aos meus camaradas para dizer-lhes meus adeuses, restando-me unicamente o consolo de os deixar aos cuidados do bravo e distinto general Guilherme Xavier dos Santos.[15]

O senador Firmino concluía afirmando que se Caxias se retirasse por aquele motivo, "não asseveraria nas referidas 'Ordens do Dia' que, apenas restabelecido, voltaria a compartilhar de novo a glória e as fadigas de seus companheiros de armas".[16]

Por fim, Firmino deduziu que o autor da matéria publicada na *Revista dos Dois Mundos* tinha o propósito de "marear o brilho de nossa primeira glória militar", haja vista o comentário feito por Xavier Raymoud sobre a recepção de Caxias na corte: "Sem

---

[13] Transcrito pelo *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1870.

[14] Sobre a retirada de Caxias da Guerra do Paraguai ver: DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 386-396.

[15] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1870.

[16] Idem, ibidem.

ser ofensiva foi fria a recepção. A opinião pública não se enganara, recusava a crer que a guerra estivesse terminada".[17]

Caxias chegou silencioso à Corte. O *Jornal do Comércio* noticiou laconicamente o seu regresso. O general desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, por volta das oito horas da noite, vindo de Montevidéu, no vapor São José. Do porto o marquês recolheu-se a sua quinta, na Tijuca. Por não ter avisado de seu retorno "não pôde o povo saudar a sua chegada, nem demonstrar o seu júbilo e as gratidões de que se acha possuído".[18]

Enquanto a população ignorava a data do regresso do marquês, o *Jornal do Comércio* publicava uma nota, assinada pelo ex-redator do *Diário do Rio de Janeiro*, Luiz Antônio Navarro de Andrade, conclamando a população fluminense a render homenagens ao chefe das forças brasileiras no Paraguai:

> Povo! Caros compatriotas! Levantai-vos ao sinal da chegada do nosso heróico patrício, o marechal marquês de Caxias; levantai cidade nobre no seio da qual viu a luz o gênio militar brasileiro, o primeiro e mais denodado soldado do império de Santa Cruz; ide unida e entusiástica receber o herói à entrada da magnífica Guanabara; aclamai com fervor, e cheio de gratidão o valoroso chefe de tantos valentes chefes e soldados.[19]

Tratava-se de um apelo dramático dirigido ao povo fluminense, para que lotassem as principais ruas da capital do Império, com o objetivo de aclamar Caxias, o general "cansado de anos e de serviços, mas rico de honras e glórias como nenhum outro".[20] A exortação foi dirigida a comerciantes, artistas industriosos, magistrados, militares, empregados públicos, esperando que a população da capital acolhesse com benevolência e entusiasmo a voz de seu compatriota.[21]

O redator pediu ao povo que esquecesse rivalidades políticas, para ele inglórias, pois era chegado o momento da nação brasileira demonstrar sua fé no trono e nos grandes feitos de Caxias, Herval, Inhaúma, Itaparica, Maurity e outros bravos

---

[17] Idem, ibidem.

[18] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1869.

[19] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1869.

[20] BN/RJ. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1869.

[21] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1869.

soldados. "Voltemos para a entrada de nossa esplêndida baía e aguardemos a chegada do invicto chefe de nossos valentes compatriotas!"[22]

Em 14 de fevereiro de 1869, a câmara municipal do Rio de Janeiro anunciou, nos jornais da corte, a decisão de celebrar um *te-deum* em ação de graças ao Todo-Poderoso, na presença do marquês de Caxias. E, caso o duque consentisse, a população o seguiria em préstito a pé, do Paço Municipal até a Capela.

No Engenho Novo, a comissão composta de homens importantes daquela sociedade, reuniu-se para angariar fundos para organização dos festejos de recepção ao comandante das tropas brasileiras. Entretanto, a pedido do próprio Caxias, que declinou da homenagem, o dinheiro arrecadado foi aplicado nas obras da igreja matriz daquela localidade.[23]

Antes da chegada de Caxias ao Rio de Janeiro, diversas instituições organizavam a sua recepção, como de outros generais e heróis da guerra. A comissão presidida por Antônio Ferreira Vieira, presidente da Câmara Municipal, deliberou que os festejos pelo regresso do general aconteceriam no mesmo dia da celebração do *te-deum* promovido pela Câmara Municipal da Corte.[24]

Depois de divulgada a programação dos festejos, uma nota publicada pelo *Jornal do Comércio*[25] informava aos leitores que, em consequência do estado de saúde do marquês, os festejos e o *te-deum* haviam sidos suspensos.

O artigo do senador mineiro Firmino Rodrigues explicava por que Caxias não foi ovacionado publicamente no seu regresso à corte. "Não era de certo, e nem podia ser esta ocasião oportuna para manifestações estrepitosas, o estado precário de sua saúde não permitiria, e nem podia ele contar com as ovações da guerra terminada."[26]

A falta de ânimo, a impotência do governo e do partido conservador, para solenizar a chegada de Caxias tinha outra razão. Para o jornal *O Liberal*, de Recife, depois de baldadas tentativas que só serviram para por patente o desfavor da opinião, foi

---

[22] Idem, ibidem.

[23] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1870.

[24] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1869.

[25] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1869.

[26] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1870.

abandonada a idéia de festejar o general que dera a guerra por finda, quando ela ainda continuava a impor pesados sacrifícios de sangue e de dinheiro.

A imprensa liberal recifense considerou fria a recepção ao ex-general chefe, quando se vitoriavam entusiasticamente aos heróis da guerra. O articulista também admitiu que Caxias cometeu excessos injustificáveis em relação ao que se esperava de um general e, nem mesmo a fama de seus feitos, apregoados pelos partidários, era capaz de compensar o descontentamento público.

O articulista referia-se ao fato de Caxias ter se retirado do campo de batalha, quando a guerra ainda não estava terminada. "A conseqüência foi que a opinião reagiu com força contra tais excessos, e deixou passar fria e quase hostil, o novo duque, rival de Aníbal, de César e de Napoleão".[27]

As comemorações expressavam a indiferença do povo e da imprensa com relação a Caxias e, ao mesmo tempo, demonstravam predileção pela figura de Osório. O vereador Lima e Silva, presidente da comissão da praça do comércio e irmão do duque, excluíra dos adornos e decorações do edifício da Bolsa o retrato do general Osório. A reação do povo foi imediata e alguns liberais metidos entre o povo mandaram buscar um retrato a óleo do lendário general gaúcho, pintado por Rocha Fragoso, para ser colocado na sacada do Banco Inglês, em frente à praça.

Durante os festejos de recepção ao Conde D'Eu, o *Correio Paulistano* denunciava o ostracismo em que se achava Caxias:

> O Sr. Caxias, abandonado pelos seus, logo do arsenal enfiou-se pela rua de Bragança. Dando as de Vila Diogo, ou pelo hábito de fugir, ou por simples, mas dura ironia do destino. O que é certo é que o próprio artigo de fundo do *Diário do Rio*, de hoje, que dá conta do festejo de recepção, trata o duque como homem morto. É o que sucede a estes medalhões de São Cristóvão quando postos um dia à prova popular: reduzem-se as suas reais condições.[28]

Por sua vez, o *Diário do Rio de Janeiro* mostrava sua simpatia pelo general. Duzentos militares, amigos de Caxias, reuniram-se no Teatro São Pedro, para combinar a realização de uma manifestação de apreço ao general, pelos serviços prestados na

---

[27] Referindo-se ao Decreto de 23 de março de 1869, no qual o Imperador concedeu-lhe o título de Duque de Caxias pelos relevantes serviços prestados na Guerra do Paraguai. *O Liberal*, Recife, 13 abr. 1869.

[28] BN/RJ. Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 maio 1870.

guerra. Também deliberaram sobre a entrega da Grã-Cruz da Ordem de Pedro I, comenda toda em ouro e brilhantes.[29]

Em 13 de maio de 1870, o espetáculo *O rei das ilhas* foi encenado no Teatro São Pedro de Alcântara, em homenagem ao Duque de Caxias. O *Diário do Rio de Janeiro* relatou que Caxias e sua família seguiram entre as alas formadas por oficiais, da entrada do edifício até o camarote, reservado para ele. Depois do espetáculo, o general ouviu poesias e discursos recitados dos camarotes. No cenário avultava o retrato do duque, entre os troféus de guerra.[30]

A Reforma afirmou que os amigos do duque compreendiam que a melhor defesa para os erros cometidos por ele durante o comando no Paraguai foi o absoluto silêncio em relação ao que pudesse vir à memória – o sangue de tantos brasileiros, inutilmente derramado em nome do "infeliz general".[31]

Em contraponto ao esquecimento que envolvia Caxias, a celebração ao conde D'Eu era manifestada de diversas formas. Depois do conflito, na corte e em diversas partes do Brasil, o Conde D´Eu era homenageado pela sua atuação no comando das Forças Aliadas, evidentemente, também por ser genro de D. Pedro II e pela sua associação política com os liberais.

A encenação da chegada do Conde à corte, para o Partido Liberal e para a familia real, movida por interesses distintos, pretendia torná-lo figura simbólica do jogo politico. Os liberais defrontavam-se, com a ideia defendida pelos conservadores, de que Caxias era o herói da Guerra do Paraguai, enquanto a Monarquia buscava condições para inserir o príncipe – representante da realeza – na galeria dos heróis do Império.

O desembarque do Conde D'Eu, no Rio de Janeiro, ocorreu em 29 de abril de 1870. Na ocasião, o príncipe foi recepcionado por duas divisões navais: de um lado encontrava-se o encouraçado Lima Barros, Cabral, Barros e Herval e do outro as corvetas Magé e Paraense, ao mando do capitão-de-mar-e-guerra Joaquim Francisco de Abreu.

Ainda a bordo, a princesa Isabel pregou na farda de seu esposo a medalha de mérito militar. Foi um espetáculo imponente: "As tripulações subindo às vergas

[29] BN/RJ. Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 maio 1870.

[30] BN/RJ. Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 maio 1870.

[31] BN/RJ. Jornal *A Reforma*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1870.

erguiam as vozes retumbantes, agitando os bonets entre vivas e urras constantes e entusiásticos, era uma imensa aclamação de todos os lados, aclamação espontânea, clamorosa, indescritível."[32]

O Imperador, a família real, a comitiva oficial e o conde D´Eu, desembarcaram no Arsenal da Marinha e dirigiram-se a pé até a capela imperial. A procissão foi seguida pelas discípulas do conservatório de música, dirigidas pelo maestro A. Fiorito, ao som do hino da vitória. A multidão ocupava a Rua Direita e o Arsenal da Marinha. "E o povo unindo-se a todas as vozes e a todos os sentimentos em um só e indizível brado de delirante entusiasmo" para homenagear o vulto do "intrépido e honrado príncipe."[33]

Os batalhões de Infantaria, de Caçadores e a Artilharia da Guarda Nacional, juntamente com batalhões de Voluntários da Pátria fizeram a recepção no Arsenal da Marinha e na Capela Imperial. A solenidade prosseguiu com o encontro da comissão de despachantes da alfândega e o marechal do Exército, o Conde D'Eu, sempre acompanhado por um grande número de senhoras, vestidas de branco e ornadas de fitas verdes e amarelas, que sustentavam bandeirolas e estandartes nacionais.

Do Paço da Cidade a família real seguiu, em carruagem descoberta pelas ruas designadas no programa, até o Paço de São Cristóvão. Era impossível descrever o entusiasmo do público durante a passagem da família imperial, narrou o *Diário do Rio de Janeiro*:

> De todas as janelas brilhantemente ornadas e repletas de senhoras, choviam em turbilhões flores sobre a augusta família. Os lenços agitavam-se freneticamente; os vivas ao conde d'Eu, ao imperador, à princesa imperial, à imperatriz, aos grandes heróis da grande campanha.[34]

O redator da folha conservadora na corte, descreveu a festa como um regozijo da multidão: "O povo atirava-se às rodas do carro, interceptando à marcha dos animais, expunha-se a ser pisado, cego de delírio e alucinado de prazer."[35]

O Arsenal da Marinha, a Rua Direita e a Praça D. Pedro II, estavam repletos de bandeiras, flâmulas e galhardetes que eram agitados das janelas. Quem chegava à Praça

---

[32] BN/RJ. Jornal. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1870.

[33] Idem, ibidem.

[34] Idem, ibidem.

[35] BN/RJ. Jornal. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1870.

do Comércio, notavelmente decorada, ouvia a banda de músicos alemães executar marchas e canções conhecidas da população. A recepção ao Conde D'Eu foi um acontecimento festivo e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para mostrar a popularidade da família real.

Para o *Jornal do Comércio,* a recepção foi um dos mais "belos movimentos populares" que a capital do Império presenciava. O príncipe foi recebido pela população da corte, não só como general vencedor, "mas também como filho ou irmão estimado, que, vencidos trabalhos e perigos, regressava ao seio da família."[36]

As festas idealizadas para o Conde D'Eu se estenderam por um mês desde a sua chegada. No dia 8 de maio de 1870, seiscentos empregados do comércio formaram um cortejo para conduzir a bandeira da Corporação Comercial da Associação Comercial até o Palácio Izabel. Entre as aclamações, o cortejo ia solicitando esmolas, cujos produtos seriam aplicados aos pobres da freguesia de Santa Rita, "dando análogo destino à sobra das quantias agenciadas para o festejo, sendo estas divididas em partes iguais e entregues ao Asilo de Socorros de D. Pedro V".[37]

Na sessão do Senado de 7 de julho de 1870, o debate proposto, pelo senador baiano Zacarias de Góes e Vasconcelos, filiado ao Partido Liberal, recaia sobre dois artigos publicados pela imprensa, quanto à retirada das tropas do Paraguai: "A Guerra do Paraguai" – publicado pela *Revista dos Dois Mundos*, no dia 15 de fevereiro de 1870, assinado por Xavier Raymoud – e "A Revista dos Dois Mundos e a Guerra do Paraguai" – publicado no *Jornal do Comércio,* em 22 de junho de 1869, assinado pelo senador Firmino Rodrigues da Silva.

O senador Zacarias iniciou seu discurso discorrendo sobre o fim da guerra e indagando a plenária e aos seus partidários: "qual foi o general a quem tamanha glória deve o Brasil?".[38] Citando o voto de graças publicado nos anais do Senado, lê-se:

> Realizou-se, com efeito, a fundada esperança de Vossa Majestade Imperial de ver os soldados brasileiros conduzidos à vitória final sob o comando do muito amado e prezado genro de Vossa Majestade Imperial, o marechal do exército conde D'Eu. Essa esperança que não deixou um instante o trono imperial, foi

[36] BN/RJ. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1870.

[37] BN/RJ. Jornal *A Reforma*, Rio de Janeiro, 11 maio 1870.

[38] FCRB. Pronunciamento do senador Zacarias de Góes e Vasconcelos na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 29.

> também a de todo o país que considera este triunfo, ainda mais precioso por ter sido alcançado sob a gloriosa direção do augusto esposo da princesa imperial.[39]

Para o senador Zacarias, não havia dúvida sobre o nome do herói que devia figurar nas páginas da história brasileira: "O Senhor conde D'Eu é o general a quem devemos a terminação da guerra".[40] Ressaltava que não era simplesmente uma opinião pessoal, mas a voz do governo, das câmaras e da população, pelo "entusiasmo com que foi recebido o príncipe nessa corte, o entusiasmo com que seu nome é pronunciado em todo o império".[41]

A *Revista dos Dois Mundos* concebeu a Guerra do Paraguai em três fases, dedicando-se a enaltecer os respectivos generais que estiveram no comando das tropas em cada uma delas. Entretanto, a polêmica instalou-se entre dois personagens: Caxias e Conde D'Eu.

Com a disputa instaurada, liberais e conservadores subiram à tribuna para advogar em nome dos generais da guerra que seriam rememorados na posteridade. A discussão teve como pano de fundo as impressões do periódico francês, que explicitamente emitiu opinião favorável ao reconhecimento do Conde D'Eu, como o general responsável pelo término da guerra.

Uma das questões levantadas pelo senador Zacarias de Góis como ponto crucial para a argumentação sobre o herói a ser cultuado era resolver o seguinte impasse: qual seria a data do fim da guerra?

Em 24 de janeiro de 1869, o comandante chefe, Duque de Caxias, declarou na Ordem do Dia do Exército, que as vitórias de dezembro de 1868 puseram termo à guerra, com a fuga de López. Em seu pronunciamento, o senador Zacarias considerou duas hipóteses como importantes no desfecho da guerra: "matar López ou expulsá-lo do Paraguai." E concluiu que: "logo a guerra não estava acabada".[42] Na *Revista dos Dois Mundos* também se lia: "Julgando a guerra acabada, retirou-se o marquês de Caxias do Paraguai sem autorização do governo".[43]

---

[39] Idem, ibidem.

[40] Idem, ibidem.

[41] Idem, ibidem.

[42] Idem, p. 34.

[43] Idem, ibidem.

Da tribuna, o sr. Zacarias dirigiu severas críticas a Caxias, acusando-o, inclusive, de ter abandonado a guerra. Tudo isso aconteceu na presença do duque, que participava daquela sessão como senador. Caxias se defendeu, interrompendo o colega: "Abandono, não; retirei-me por doente".[44]

Tanto na tribuna quanto nos jornais foi debatido o suposto fim da guerra exposto na Ordem do Dia de 14 de janeiro de 1869. Em sua fala, o senador baiano, justificou o seu estarrecimento diante daquilo que considerou "imaginária terminação da guerra".[45] No entendimento do senador, a honra nacional estaria comprometida se prevalecesse a ideia de que a guerra foi concluída com a ocupação da cidade de Assunção, capital paraguaia.

O senador Zacarias defendeu que, ultrapassada essa pressuposição, sentia-se tranquilo porque "a honra nacional está satisfeita, hoje cabem as festas, as da nação celebradas com regozijos e entusiasmos e a oficial, fria como a estação em que nos achamos".[46]

Em seu longo discurso, o senador censurou o seu colega de casa, o senador por Minas Gerais Firmino Rodrigues por considerar tendenciosas as ideias contidas no artigo do *Jornal do Comércio*, onde considerava evidente a intenção do senador Firmino de relembrar Caxias. Todavia, referindo-se diversas vezes ao artigo de Xavier Raymoud, no jornal francês, Zacarias fez abertamente apologia ao jovem príncipe: "O debelador da guerra do Paraguai foi o conde D'Eu, no sentir de M. Raymund; mas que culpa tem aí o escritor francês? E, então, como diz a apologia que a leviandade e a ignorância inspiraram o seu acerto?"[47]

Caberia ainda uma outra questão para esclarecer a disputa aberta que se travou entre Caxias e o Conde D'Eu. Tratava-se das honras militares pelo término da guerra. Por que o Conde D'Eu somente participou da terceira fase da campanha? Na tribuna

---

[44] FCRB. Pronunciamento do senador Duque de Caxias na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 34.

[45] FCRB. Pronunciamento do senador Zacarias de Góes e Vasconcelos na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 30.

[46] O Senador Zacarias, com essa frase, faz uma referência à festa oficial promovida pelo governo imperial em 10 de julho de 1870 pelo fim da Guerra do Paraguai. Cf. Pronunciamento do senador Zacarias de Góes e Vasconcelos na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 34.

[47] FCRB. Pronunciamento do senador Zacarias de Góes e Vasconcelos na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 34.

foram lembrados os dois pedidos que o príncipe Gastão de Orléans, o Conde D'Eu, genro do Imperador, fez ao sogro de partir para a guerra. A primeira tentativa ocorreu durante a Batalha de Curupaiti e a segunda depois da nomeação de Caxias ao comando das Forças Aliadas. Zacarias de Góis argumentou que a recusa foi por motivo de "alta política", porque o governo não queria que fosse ventilada a ideia de que a ida do príncipe para a guerra fosse indícios de pretensões de conquistas ou de extensão do princípio monárquico.[48]

Para a *Revista dos Dois Mundos*, a explicação para a recusa ao pedido do príncipe era de outra natureza, pois para conservadores e membros da monarquia, o príncipe era considerado liberal e ligado às ideias abolicionistas.

Para o Conselho de Estado do Império, órgão consultivo composto por senadores, prevaleceu a ideia que não poderiam coexistir, lado a lado, duas patentes de comando. Em outras palavras, o pedido do príncipe foi indeferido por entendimento de que Caxias seria superior no exército, condição incompatível com a do Conde D'Eu, consorte da princesa imperial.

Das razões expostas sobre a ideia de enviar o príncipe ao campo de batalha, o senador Zacarias defendeu que a política internacional aconselhava que não se aderisse à pretensão "de ir tomar parte nos perigos da guerra o esposo da princesa imperial".[49] No entanto, com o regresso de Caxias ao Brasil, mudou-se o cenário e o Conde D'Eu foi convocado pelo imperador para ser o general em chefe das tropas brasileiras no Paraguai.

Traçando um paralelo entre o Duque de Caxias e o Conde D'Eu, Zacarias concebeu a terceira fase da guerra, como o momento crucial para o desfecho do conflito: a morte de Solano López. E comparou a atuação dos dois generais na campanha:

> Duvido que essa missão estivesse nas forças do honrado duque, atenta a sua idade e moléstia. No terceiro período da guerra, o das Cordilheiras, era preciso um general mais moço, mais enérgico, que fosse capaz de sofrer fome, como sofreu o conde D'Eu. Sua Alteza recebeu um exército, desanimado com a retirada do nobre duque de Caxias.[50]

---

[48] Idem, p. 36.

[49] FCRB. Pronunciamento do senador Zacarias de Góes e Vasconcelos na sessão de 07 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 36.

[50] Idem, p. 38.

O Conde D'Eu foi apresentado pelo senador baiano como redentor dos soldados que ficaram sem comandante, possuidor da força e virilidade necessárias, ostentando a égide de príncipe, consorte da princesa, de sangue real.

> O Senhor conde D'Eu teve a fortuna de restabelecer a confiança, de desenvolver, Senhor presidente, mérito real, mostrando capacidade militar, superior nos planos de combate e coragem pessoal não excedia, como provam as aclamações com que os soldados o vitoriaram, testemunhando o seu comportamento no assalto de Peribebuy.[51]

Na sessão de 13 de junho de 1869, o senador Firmino Rodrigues da Silva, retomou a palavra e subiu à tribuna para se defender das censuras feitas pelo colega, o senador Zacarias de Góis. Firmino esclareceu para a plenária que sua intenção era refutar os argumentos apresentados pela *Revista dos Dois Mundos*, pois considerava impreciso e desabonador à memória de Caxias tudo que fora publicado pela revista. O senador Firmino não aceitava a ideia estabelecida na tribuna de fazer comparação entre Caxias e o Conde D'Eu, pois reconhecia o mérito de ambos os generais no percurso da guerra.

Porém, respondendo ao senador Zacarias, disse: "Por que motivo viria eu agora, como me exprobrar o nobre senador da Bahia, amesquinhar os triunfos de sua Alteza Real, o senhor conde D'Eu para elevar o Senhor duque de Caxias?".[52] O senador concluiu que a nação renderia homenagem àquele general que findasse a guerra, fosse ele o conde ou o duque.

> Nas ovações populares da guerra terminada, o Senhor Conde D'Eu representava não só a glória de seus feitos, como de todo o exército e armada, de todos os generais que os comandaram. Os júbilos e entusiasmos da nação foram excitados, sem dúvidas, pelos serviços relevantes de Sua Alteza Real, mas tiveram outras causas, a satisfação sem limites, pela desafronta da honra e dignidade nacional e o contentamento geral pela cessação dos sacrifícios enormes que haviam pesado sobre todas as classes da sociedade.[53]

Entretanto, em um ponto as opiniões dos senadores Zacarias e Firmino conciliavam-se: a natureza real do Conde D'Eu, representação da coesão da monarquia

---

[51] Idem, ibidem.

[52] FCRB. Pronunciamento do senador Firmino Rodrigues da Silva na sessão de 7 de julho de 1870, no Senado. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro, Tipografia Oficial, 1871, p. 9.

[53] Idem, ibidem.

imperial encenada para a nação, que revestiu a comemoração com os atributos simbólicos do trono.

> O Senhor conde D'Eu é genro de sua Majestade Imperial, o instrumento da Divina Providência no triunfo da causa da razão e da justiça, que pleiteamos contra López, assim que grandes partes dessas ovações refletiam no Senhor D. Pedro II.[54]

Os liberais pretendiam aproximar-se do conde que aboliu a escravidão no Paraguai. Esse era um tema espinhoso que dominava os círculos das discussões no Brasil, elevando a desconfiança dos conservadores quanto às possíveis pretensões do príncipe em seu retorno ao país.

Para os liberais, a melhor defesa para os "erros e culpas" de Caxias, no longo período de comando das forças no Paraguai, era o silêncio absoluto de tudo que pudesse "trazer à memória o sangue, o dinheiro, e a reputação dos brasileiros tão inutilmente sacrificados por tão [...] infeliz general".[55]

Todavia, os boletins impressos pelo exército, as correspondências de Buenos Aires para o *Jornal do Comércio*, os discursos da oposição, as correspondências transcritas em jornais e as cartas de particulares, fontes para a história da Guerra do Paraguai, mostram-se eficazes para a construção da memória de Caxias, pois o Conde D'Eu somente participou da última fase da guerra.

Assim, na luta pela rememoração dos feitos da guerra e, principalmente na construção da ideia de herói que o Império deveria guardar, o "velho general" teve a vantagem sobre o jovem príncipe, que não foi capaz de criar circunstâncias favoráveis para sua projeção nacional como militar.

A aproximação do conde com os liberais foi passageira. O parentesco com a família real e a responsabilidade de ter vencido a guerra não desencadearam a rememoração de seu nome. Contra o príncipe pesou, muito tempo depois – o que parecia garantir a imortalidade reservada aos príncipes e aos monarcas –, a queda do Império e a proclamação da República. Quando foram revolvidos os velhos papéis que guardavam a história da Guerra do Paraguai, Caxias tornou-se o centro das discussões

[54] Idem, ibidem.

[55] Idem, ibidem.

dos historiadores favoráveis e contrários a sua rememoração e o príncipe teve somente a ovação que lhe atribuiu a monarquia.

Bibliografia:

CAMPANHA DO PARAGUAY: **Diários do Exército em Operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. Marechal do Exército Marques de Caxias. Julho a dezembro de 1867.** Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1925

DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

SILVEIRA, Mauro César. **A batalha de papel - A Guerra do Paraguai através da caricatura**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

TAUNAY, Alfredo d' Escragnolle Taunay, Visconde de. **Campanha do Paraguai: comando em chefe de S. A o Sr. Conde D'Eu: diário de exército**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1870.